



LETIZIA CAVALLINI, distinto soprano da companhia italiana atualmente no Coliseu dos Recreios

(«Clichê» da fotografia Brazil)

II série—N.º 558

ILUSTRAÇÃO

Lisboa, 30 de Outubro de 1916

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha
Trimestre, 1\$20 ctv.—Semestre, 2\$40 ctv.
Ano, 4\$80 ctv.

PORTUGUEZA

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso, 10 centavos

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL "O SECULO"

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

A empresa do SÉCULO NO BRAZIL

Prevenção importante

De vez em quando aparecem uns cavalheiros d'indústria quaesquer, que, aproveitando-se da extraordinária acatellação de que, felizmente, goza em todo o Brazil a *Illustração Portuguesa*, se servem do seu nome para angariarem assinaturas, com o unico fim de se apossarem de dinheiro, e algumas pessoas teem sido ludibriadas na sua boa fe.

Ha tempos foi um tal Abilio de Freitas Azevedo, de sociedade com Manuel Gomes Carneiro e Amaral & C., rua d'Alfandega, 110, 1.º, Rio de Janeiro. Agora chega-nos a noticia de novos escrocos que usam a firma de J. Pina & C. e dizem ter escritório na rua do Senado, 165, com a designação de Agencia de Publicações Estrangeiras, o que se sabe ser tudo falso.

Por diferentes vezes temos pedido ao publico do Brazil, e agora de novo o fazemos, para que não se deixe ludifir por taes meliantes.

Qualquer pagamento só deve ser feito aos nossos agentes fixos de cada localidade, os quaes são bem conhecidos do publico das mesmas e facilmente podem comprovar a sua qualidade, oferecendo todas as garantias de seriedade pela sua conhecida situação comercial.

No RIO DE JANEIRO são agentes da Empresa do SÉCULO, ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, E SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS OS SRS.

José Martins & Irmão

Rua do Carmo, 59, 1.º

Aos quaes podem ser dirigidos os pedidos de fornecimento das nossas edições, não só do Rio, como de outros pontos do Brazil, e bem assim ser satisfetas as Importancias de assinaturas e anuncios tratados directamente com a sede da Empresa do Seculo, em Lisboa.

¿Quereis o cabelo bem tingido?

A Flôr de Ouro

E' a melhor de todas as tinturas para o cabelo ou a barba; não mancha a pele nem suja a roupa, obtendo a cor castanho ou preto; evita a queda do cabelo e cura a caspa, deixando o cabelo tão formoso que nem a pessoa mais intima dá por isso. — Preço **1\$70**. Pelo correio **1\$90**. Colonias **2\$20**

ANITA P. FORMENT

Penteadora La "Madrilena"

R. Diário de Noticias, 61, r/c.

A Flôr de Ouro

Chegou nova remessa da
AGUA FLOR DE OURO

Para tingir e evitar a queda do cabelo



A FLOR DE OURO é a melhor de todas as tinturas progressivas tanto para o cabelo como para a barba, obtendo o «Castanho claro», «Castanho escuro» e «preto». Não mancha a cutis nem suja a roupa; o cabelo conserva-se sempre fino e brilhante como no tempo juvenil. Cura a caspa, evita a queda do cabelo e fortalece as suas raizes. Preço **1\$70**. Pelo correio **1\$80**.

CABELO LOURO

Usae a *Flôr de Ouro* franceza que é a unica que pinta os cabelos brancos, ficando como fios de ouro, macio e formoso, como no tempo juvenil. Preço **1\$70**. Pelo correio **1\$80**.

A' venda em todas as perfumarias, drocarias e farmacias.

Agente para Portugal e colonias.

F. L. Mateus

RUA DO NORTE, 34, 1.º

Cabeleireiro

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLossal
SORTIMENTO
Rua do Oura, 251 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1802
VERDADEIROS
Grãos de Saúde
do **D^r Franck**
(Véritables Grains de Santé du D^r Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogeries.
DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

PARA 1917
ALMANAQUE D'O SÉCULO
(ILUSTRADO)
A' VENDA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
I FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-



tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas: 2\$500 e 5\$800 cêns.

Grande marca franceza



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleretios.

Desconfiar das Imitações.



As praxes coimbrãs

Os estudantes de Coimbra trabalham afanosamente pela resurreição das velhas praxes académicas que haviam desaparecido não tanto por lei como pelo desuso. Já voltaram ás troças aos caloiros, ao canelão, ao corte do cabelo, e pedem com insistencia que a *Cabra* volte a fazer-se ouvir, indicando aos alunos do liceu e aos novatos a hora de recolher a casa, sob pena, sendo encontrados na rua, de sofrerem os duros castigos impostos pelas *troupes* e que podem ir desde a simples exigencia de um discurso até á applicação, nem sempre moderada e incruenta, da tonsura parcial ou total.



E quando aparece este desejo de resurgimento? precisamente quando se tinha chegado ao extremo oposto, de se haverem desprezado tanto aquelas velharias que até a capa e a batina chegaram quasi a ser abolidas e com elas a ridicula preocupação de se considerarem tanto mais honrosas

para quem as vestia, quanto mais rasgões tinham e mais sêbo as enodoava.

Estão os rapazes no bom caminho, n'este movimento de recuo? appareceu esta preferencia como resultado de desilusões, tendo-se experimentado sem exito outros passatempos modernos, outros recreios mais inteligentes, para o corpo e para o espirito?

Não sabemos; mas revivida a *Cabra*, e concomitantes praticas, a reacção virá provavelmente depressa, com mais violencia do que antes, e os velhos idolos serão de vez despedaçados, porque fóra do ambiente proprio—e esse desapareceu—nada se desenvolve, seguindo-se rapidamente a asfixia.

Camponезes

Uma escritora portugueza, cuja prosa clara e impressiva é apreciada pelos leitores do *Sec 10*, edição da noite, declara que para ela não ha gente como a dos campos da Extremadura, simples e boa, sofredora e corajosa, refrataria aos exageros morbidos do fanatismo, defendida dos males da politica pela santa barreira da ignorancia...

Uma perfeição de gente, na verdade; o melhor que se pode exigir do camponез, embora os das restantes provincias não defiram sensivelmente do extremenho, porque as carateristicas de todo o povo portuguez são a simplicidade e a bondade. No entanto é conveniente que a illustre literata não atravessasse algumas aldeias ao domingo, senão afastando-se dos ajuntamentos e não admire os arraiaes senão de largo, porque o que lhe acontecer pode atenuar um pouco a sua admiracão, que é tambem a do cronista, nascido na Extremadura e habituado durante os dois mezes que passa na sua terra, a procurar nos dias de festa os logares mais solitarios dos campos para expansão dos seus entusiasmos liricos.

A «santa barreira da ignorancia, que vale muitas sabedorias», preserva, não o duvidamos, da malefica influencia da politica, mas não de outros danos tambem prejudiciais, que, felizmente, só rarissimas vezes se manifestam.

O Esperanto

E' de louvar a propaganda do esperantismo ultimamente desenvolvida, á qual se não podem opor

senão uns comentarios alegres, como faz o *Seculo Comico*, e não argumentos sérios. As vantagens de uma lingua que toda a gente fale e escreva são obvias, ocorrendo somente perguntar, porque se ha de escolher uma lingua artificial, quando ha tantas outras naturaes, algumas até de uma simplicidade gramatical que o proprio Esperanto não atinge.

Que não sirva, porém, de estorvo esta ligeira observação e muitas outras que já teem sido feitas.

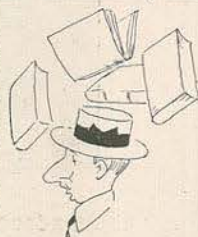


Aprenda-se o esperanto, advogue-se o seu estudo—mas não se diga que tem beleza; como qualquer outra, que ha de vir a traduzir, senão de modo grafico e incolor, os pensamentos e os sentimentos, como a que os nossos filhos vão balbuciando e estropiando divinamente, até encontrar, com radiante alegria, a forma certa.

Vamos aprender o Esperanto, saibam-no os que nos escrevem censurando a nossa ignorancia de tal idioma; mas saibam igualmente que, quanto a singeleza, lhe preferimos a linguagem dos surdos-mudos, que pode servir tambem para comunicacão universal e não é talvez mais inexpressiva.

Livros

Não chegaria todo o espaço destinado á *Cronica*, se escrevessemos uma linha só que fosse, acerca dos livros novos que todas as semanas nos são amavelmente enviados, nem o tempo de que dispomos chegaria para uma leitura meditada. Entretanto, citar obras como *O povo portuguez*, de Bento Carqueja, primor de forma, amenisando estudos positivos e profundos até hoje tratados com aridez; como dois excelentes livros de versos, *A alma portugueza*, de Deltim Guimarães, em que o titulo corresponde absolutamente á concepção e realisacão, e *Horacianas*, de Antonio Ferreira, interpretação tanto quanto possivel exata de algumas odas e epodos de Horacio, é um dever a que nos não furtamos e cuja falta de cumprimento nos não perdoaria o leitor que de-seje conhecer as preciosidades do nosso mercado literario.



ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de STUART CARVALHAES).



BALADA DOS EMIGRANTES.

«A voz do mar adormeceu no coração do pastor, como nos velhos parques o grito dos pavões, ao cair do outono enfêrmo.

Alto corpo de árvore forte e voluptuosa, de olhos largos e mansos como as ovelhas pretas do rebanho, o môço, mal a manhã abria a sua bôca rósea para o beijo da luz e a ronda das estrêlas ia dançando os derradeiros brilhos pelo céu, subia ao monte com o sol que subia alagando de luz as coisas estremunhadas.

Descobriram que um anho dêle namorava duas ovelhitas dela e andavam a espreitá-los roçando-se em madrigais macios na relva fresca dos regos que secaram.

Aquilo começou por um acaso. Uma ovelha fugiu-lhe e êle quis ajudar-lhe a procurá-la. Acharam-na já noite, na descida, balindo tristemente.

Dessa vez beijaram-se, na ladeira, onde os caminhos dos casais se encontram. Ali se juntavam de manhã e á tarde se despediam.



Eram pequenos os dias, que as ovelhas eram dóceis e, no montado vizinho, andava atrás do rebanho, uma biblica pastora, de olhos de amora e busto de estátua antiga.

Perto havia uma pedra musgosa em que ela vinha sentar-se e de onde vigiava o armento.

Ele deitava-se-lhe aos pés como um lebreu, trocavam dos farneis e iam contando os seus segredos de amor pelas ovelhas.

Do monte, descobriam-se léguas e léguas de terreolas, com casais brancos e arvoredos felizes.

E, nos dias claros, via-se, para além das terras, uma mancha azul em que as velas passavam rápidas como gaivotas.

Então o mar preocupava-o e ela entristecia a ouvi-lo contar histórias de sereias e de encantos, sereias que ela temia lho levassem, encan-

tos que supunha mais belos [do que os seus. Depois vinha a terra do oiro, para além do



mar, e que aparecia, á tarde, quando a mancha azul se enchia de resplendor.

—«Há lá um palácio, sabes? em que só o brilho das paredes chega para vestir os criados, de oiro». Ela ouvia aturrida. «De tanto oiro em roda, a gente até nem parece que trabalha. Vai-se num grande navio. São quinze dias de medo. Mas, depois... depois tudo muda. Como sucedeu áquele pastor que até chegou a rei. Queres que te conte?»

—Antes de nós, só havia um pastor por estes montes. Passava os dias a vêr o mar e a ouvir o canto das sereias. Mal o sol começava a esconder-se nas águas, ia-se embora receoso de se perder no caminho e não chegar lá abaixo.

Uma tarde adormeceu a ouvir as cantigas feiticeiras. Ao acordar, já a noite era uma sombra só, cheia de medos.

Lá foi descendo, a rezar, na noite morta, sem rumo. E, aos primeiros passos, as cantigas do temor encheram-lhe os ouvidos e sentiu-se arremessar abraçado e preso na noite.

Já o luar vinha a ensinar-lhe o caminho, quando chegou ao pé do mar, sem as ovelhas.

Em cada onda que se desfazia vinha uma mulher cantando, nua. E á roda do pastor for-

maram cêrco. O medo enchera-lhe o coração da voz encantadora. Aos seus olhos pasmados, as mulheres que o enlaçavam moviam-se e bailavam doidamente, sem parar, primeiro brando e brando, como ondas de seara pelo estio, depois maneando-se mais lesto, e fugindo e voltando em tórno dêle, lá o arrastaram, dançando, até que o cansaço as tomou.

E, quando adormeceram, uma onda veio e encheu a praia toda».

A pastora chorava, olhando o sol que por trás das terras, golfava oiro líquido.

—«Olha, vê, lá longe? São os jardins do palácio!»

As nuvens recortavam formas irregulares de árvores muito finas, agulhando o céu como uma floresta fantástica e volátil.

Vinham descendo, tristes, o caminho e, na ladeira, ao despedirem-se, a pastora soluçava.

Nessa noite, o pastor pensou em ir para o Brasil e, dias depois, partia na leva dos enganados.

A pastora foi definhando a prolongar as tardes pelo monte, e, uma vez, ficou-se dormindo sob o luar e a neve, e sonhou que as sereias lhe levavam as ovelhas e a levavam a ela para as grutas do mar, onde as pérolas caem como estrêlas pequeninas, dum céu que ela abanava com os dedos.

A voz do mar adormeceu no coração do pastor, como nos velhos parques o grito dos pavões, ao cair do outono enfêrmo.

Nuno Simões.

(Do primoroso livro «Águas Mortas».)

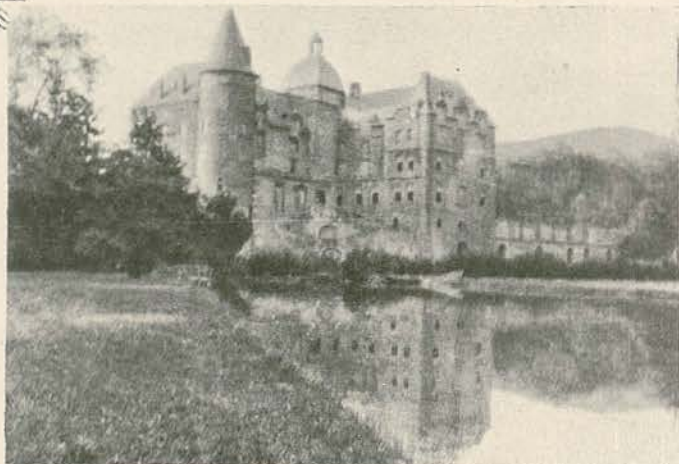


Dr. Nuno Simões

Visita ás fabricas de guerra da França

Paris, outubro, 1916.

Estamos de regresso a Paris, da viagem mais instrutiva e mais impressionante que a França oficial organizou depois da guerra, para mostrar ao estrangeiro a grandeza do seu esforço e a originalidade dos seus processos de



O castelo de Vizille

O arsenal de guerra Girod, por exemplo, compõe-se de sete estações hidro-eletricas que ocupam uma area de 40 quilometros. Cada uma d'estas estações dispõe d'uma energia electrica de 35.000 cavalos. Ha ali fornos d'al'a pressão da força de 12.000 cavalos. O ferro passa ahi



Em Lyon, na escola de mutilados da guerra.— Um soldado, voluntario, de 54 anos, que entrou em todos os combates, sendo condecorado com a Cruz da Guerra (com quatro palmas), a Legião de Honra e a Medalha Militar. A' esquerda o comandante diretor da escola

construção d'armas e munições.

Visitamos minuciosamente umas 30 das 160 fabricas de guerra dos Alpes, todas acionadas por motores hydraulicos, n'essas deliciosas montanhas onde *«le matin rose et bleu comme un sourire monte.»*



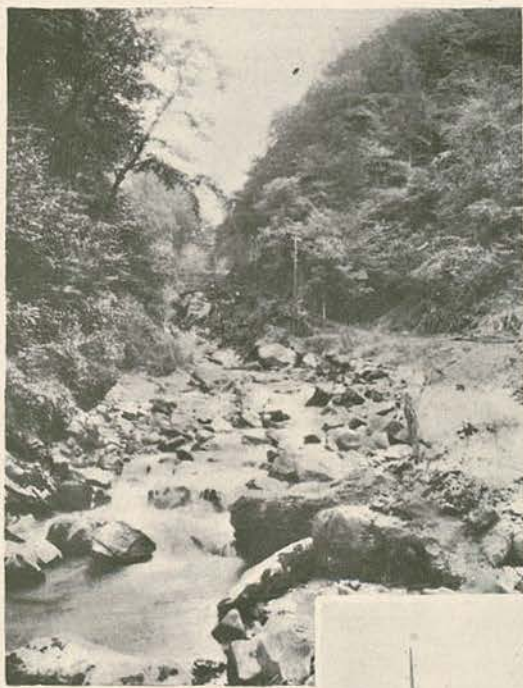
Visita ás fabricas de guerra dos Alpes.— Em Albertville. As tres jornalistaas que fazlam parte da caravana

por todas as modalidades desde o ferro silico ao ferro vanadio. Fabrica 1.000 toneladas d'aço por dia. Cada um de nós foi brindado com um «obus» d'aço macisso de 12 centimetros contendo a data da nossa visita.

Só na região do Dauphiné que percorremos dispõem os diversos arsenaes de 650.000 cavalos de força electrica.

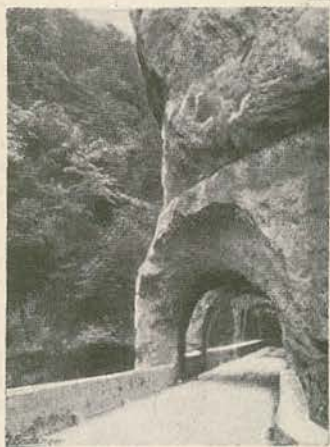


No Isère.—Lago do castelo de Vizille
(Clíchés do correspondente do *Seculo* em Paris)



No Isère (Chambéry).—A paisagem das proximidades de uma fabrica de munições

310:000 empregam-se na metalurgia e na eletro metalurgia, 210:000 na produção de luz, 80:000 na eletro química e 33:000 na industria do papel. Uma fa-



Um tunel

toneladas d' aço elettrico, produz hoje 25:000 toneladas, graças á utilização de fornos electricos poderosissimos introduzidos nos ultimos dois anos. Ha grande numero de prisioneiros austriacos e alemães nas diferentes fabricas.

A «hulha branca», a riqueza inextinguivel dos Alpes, assegura a estas emprezas toda a sorte de prosperidades, na guerra como na paz. N'esta convicção se ba-

seou o sr. Albert Thomas, ministro das munições, para dizer-nos que se a guerra continuar, dentro d'um ano a produção de material de guerra nos Alpes terá aumentado dez a doze vezes. Na Saboia atesta-se a mesma expansão produtora ao serviço da Patria. O aluminio — metal francez —ahi é produzido em 10 fabricas, cuja laboração aumenta dia a dia. Dispõem de mais de 500.000 cavalos de força e empregam algumas dezenas de milhares d'operarios.

Visitámos a fabrica d'aluminio de Chambéry. Por meio d' eletrodos poderosos assistimos á coagulação de placas d'aluminio. O metal em fusão é lançado nos moldes; resfria; passa pelas fases successivas do adelgacamento; e é o proprio diretor da fabrica quem, cortando um pedaço á tesoura, nol-o oferece como recordação de viagem.

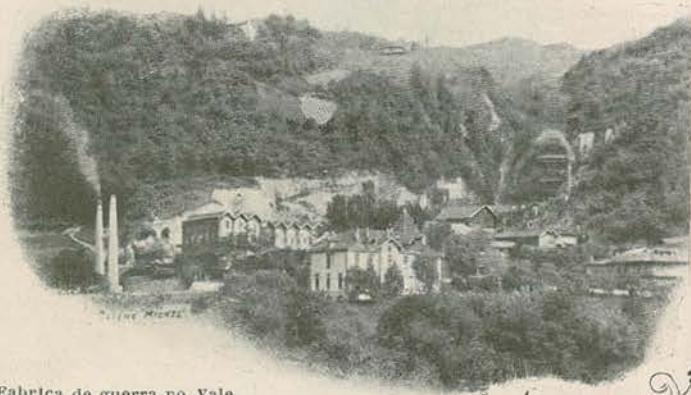
Assistimos á epopeia do obus; á genèse da granada. Vimos a barra de ferro que com a liga metalica se transforma em aço e vimos depois as metamorfoses rapidas do metal moldado, batido a marteladas, de mil cavalos de força, perfurado rapidamente como se fosse uma haste de sabugueiro, dando o projctil que vae ser torneado e polido e...



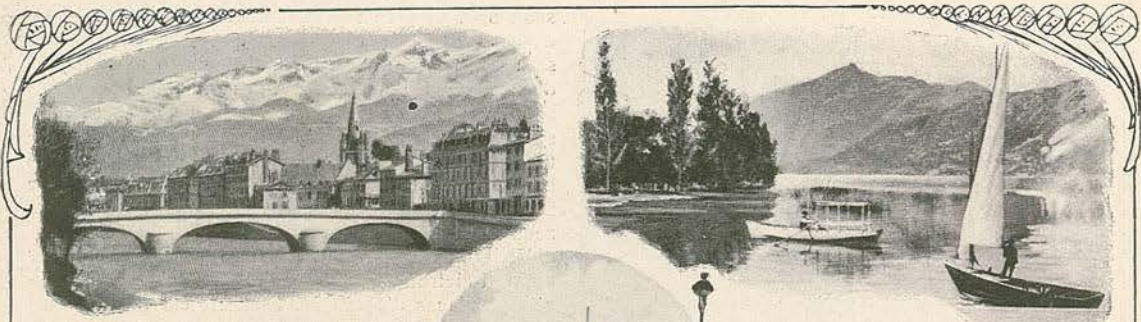
Saboia.—Pont de Clé. Fabrica de guerra de Champ. (Clichés do correspondente do Secuto, em Paris)

brica de guerra que em 1914 produzia 2:000

ámanhã carregado para vingar a justiça dos homens vilipendiada e ultrajada. E todos estes maquinismos, a ultima palavra da engenharia franceza, funcio-



Fabrica de guerra no Vale de Lancey



Grenoble

Aix-les-Bains.—Lago do Bourget

nam com uma regularidade, com uma precisão e com uma rapidez admiráveis.

Dir-se-ia o ensaio geral d'uma peça feérica e não era senão... um dia de trabalho normal. O trabalho das forjas, rude, informe, brutal, impressiona. Mas que dizer dos trabalhos mecanicos, em que a arte, o bom-gosto, a subtilidade do genio francez se impõem maravilhosamente para aliar o util ao agradável! Os pequeninos obuzes que o arsenal de Udine fabricou para os jornalistas—o obus bibelot—não são mais perfeitos que os 420 que nós admirámos na Alta Saboia. O bem acabado é o lema do operario francez, em tempo de guerra como em tempo de paz.

Acrescentemos que o aspecto das maquinas propulsoras formidáveis, os seus roncões constantes de geradoras d'energia e o vae-vem de milhares d'homens e mulheres, preocupados com o afan da vitoria, tudo isso impressiona por forma que mal podemos pensar que a França d'hontem não era a primeira nação industrial da Europa.

Ela não o era, com effeito. Mas ela é-o hoje; ela sel-o-ha amanhã.

Se acrescentarmos que todas estas fabricas de canhões e de munições são modelos d'«épargne»

nacional e de coletivismo puo, teremos feito o justo elogio dos «mobilizados» das retaguardas.

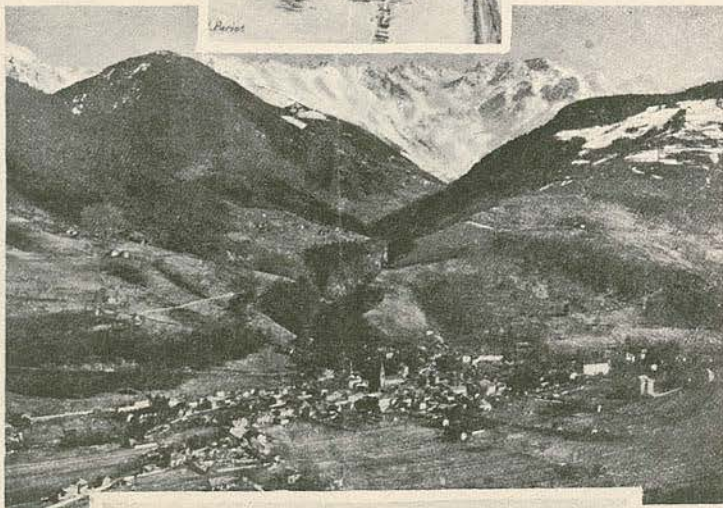
Só a grande fabrica de munições do «Matadoiro» de Lyon manda

mensalmente para os necessitados da guerra 50.000 francos, produto d'obuzes e subscrições entre operarios.

Pela mesma forma procedem os trabalhadores das outras officinas da França. Quanto ás categorias sociaes e hierarquicas, desapareceram por completo, n'estes meios e nos que os rodeiam. O «maire» de Lyon comprazia-se a abraçar os simples soldados da sua Escola de mutilados. O sr. Natanson, diretor da fabrica d'armas de Lyon, apertava a mão aos operarios de todas as categorias com a simplicidade perfeita d'um camarada e d'um amigo. Esta guerra terá assim realiado rapidamente os ideaes que a propaganda teoica nunca pode atingir. E porque? Porque a guerra é a união natural dos que se amam contra os que se detestam. A guerra chama os nossos sentimentos afetivos ao seu lugar imutavel. A guerra é tambem uma escola d'amor...

Não nos sendo permitido entrar em pormenores d'ordem tecnica, limitamos a acompanhar com estas notas estatisticas os aspectos fotograficos d'uma das mais belas paisagens da Europa transformadas em fabricas de guerra.

E o contraste d'estes dois elementos, natureza e atividade humana, mais realce dá ainda aos adoráveis sitios onde o engenho e a ciencia, aproveitando os proprios recursos naturaes inexgotaveis, deu e dará á industria franceza um impulso colossal.—A. L.



3. Aunecy

4. Alenar e as suas fabricas de munições

5. Chambéry.—Castelo do duque de Saboia

OS INTERESSES DOS POVOS

Grandola está, finalmente, ligada ás redes dos caminhos de ferro do paiz e toda aquela fertilissima região, tão fértil como bela, que se lhe estende para um lado e outro ficará em breve gosando do mesmo enorme beneficio. Quem passava por ali, morosamente de trem ou de diligencia, percorrendo leguas e leguas de um solo abençoado, ficava dolorosamente surpreendido por vel-o isolado do resto do paiz, modorrando ac abandono, com tantos elementos de progresso e de riqueza.

Compreende-se, pois, o regosijo de todos aqueles povos, como se compreende o legitimo orgulho d'aqueles que tanto trabalharam, sem desanimo, e vêem hoje triunfante o seu trabalho.

Foi uma festa entusiastica e comovedora a da inauguração d'esses 23 quilometros da linha ferrea, que do Lousal passam em Bairros, Canal da Caveira e Grandola, estação terminus. Assistiram ao ato os srs. ministros do trabalho e do fomento com os seus secretarios, diretores, engenheiros e inspetores da li-



1. Saindo da Camara municipal de Grandola, depois da sessão solene: os srs. ministros do fomento e do trabalho, dr. Jacinto Nunes, presidente da camara; Jorge Nunes, deputado; engenheiro Mendes, director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste; Cordeiro de Souza, director geral do ministerio do fomento; Camara Pestana, director geral da agricultura; secretarios dos ministros e outras individualidades.—2. A ponte de Padrões, proximo da estação do Canal da Caveira.—3. A praça da Republica, onde tocaram varias bandas.

nha, e o sr. Camara Pestana, director geral da agricultura. A imprensa tambem se fez representar largamente; correspon-



O povo de Grandola á chegada do primeiro comboio



2. O cortejo chegando ao edificio dos paços do concelho.—3. A locomotiva n.º 96 que conduziu o primeiro comboio de passageiros a Grandola.—(Clichés Benollet, enviado especial da Illustração Portuguesa).

dendo assim ao gentil convite que lhe foi feito.

Todos os convivas foram recebidos em Grandola pelo prestigioso apostolo da Republica, o sr. dr. Jacinto Nunes, esse homem de uma extraordinaria tempera fisica e moral, e que tem pela sua terra uma adoração

que vae até ao fanatismo. Com ele estava seu filho, o sr. Jorge Nunes, deputado e, como seu pae, um denodado defensor dos interesses d'aquella região.

Houve um banquete em que se trocaram os mais afetuosos brindes, fechados com estusias-ticos vivas á Republica e a quantos trabalharam para que ella corresponda ás esperanças e aspirações dos povos.

Todo o resto do dia houve grandes manifestações de regosijo popular por tão importante melhoramento para a região.



O VELHO MUNDO EM GUERRA

Quanto mais aperfeiçoamentos os alemães se vangloriam de introduzir nos seus «Zeppelins», maiores e mais frequentes são os desastres, porque a navegação aerea dos aliados progride admiravelmente e a sua defesa contra os ataques das aeronaves inimigas é completa e eficaz.

Nos últimos mezes tem sido consideravel o numero de aparelhos postos fóra de combate, quer em lutas travadas no ar, quer metralhados de terra com o auxilio de poderosos projectores.

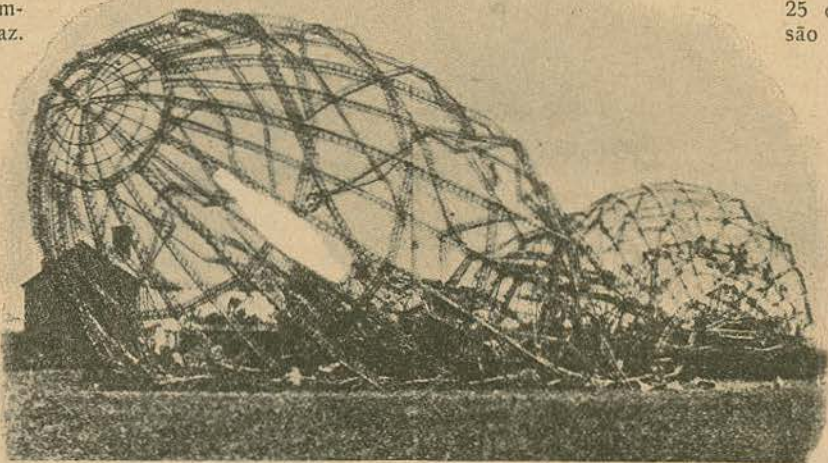
Nas costas de Inglaterra, mais insistentemente visadas pelos alemães, o fracasso tem sido tremendo.

Quando os «Zeppelins», surpreendidos, não fogem a tempo, sempre é alcançado algum e

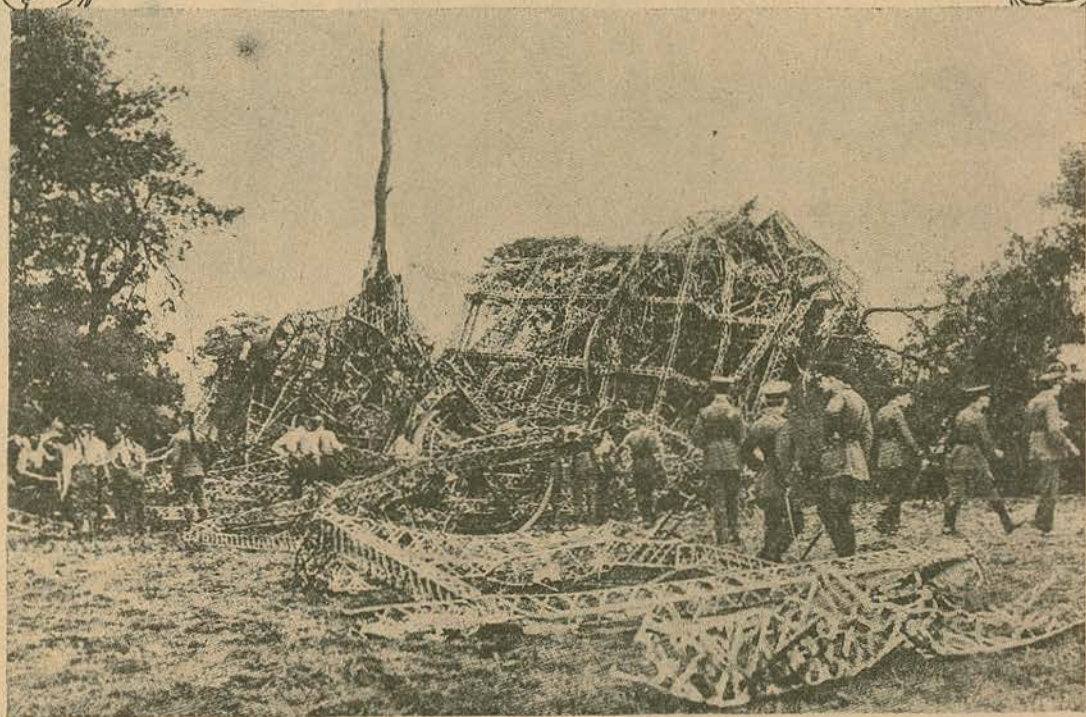
derrubado por terra, com o enorme arca-bouço feito n'um feixe. Em quatro ataques que a Inglaterra sofreu n'um mez e que poucos prejuizos lhe causaram foram abatidos quatro soberbas aeronaves, safando-se outras com serias avarias.

Com o ataque de 25 de setembro são já 40 vezes que a Alemanha envia os seus aviões contra a Inglaterra, sem que os prejuizos materiaes e de vida, por minimos, deixem sequer presumir tão numerosos «raids», o que leva os «boches» a inventa-

rem as mais inverosimeis consequencias, espalhadas pela Wolff. Pelas suas contas, já não haveria em pé uma só casa na Grã-Bretanha.



A que ficou reduzido o segundo dos 4 «Zeppelins» abatido pelos Ingleses em setembro ultimo



Os destroços do Zeppelin L-32 abatido sobre uma arvore no condado de Essex, Inglaterra

(Cliché de L'Illustration).

Os regimentos irlandezes voltando da vitória de Ginchy

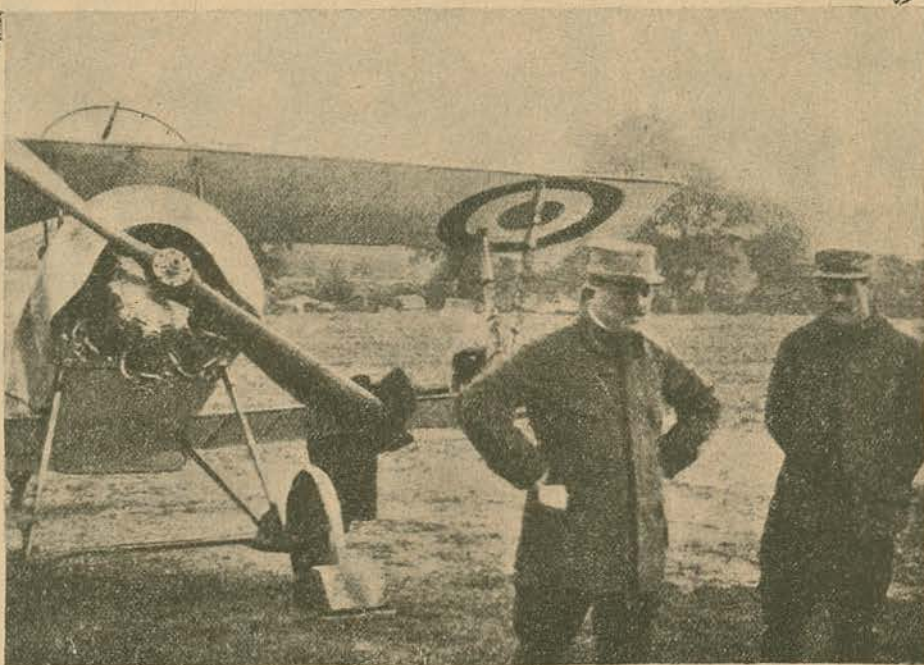


“Bravo, valentes rapazes de Dublin! Assim é que é combater!”



A cavalaria russa em marcha para a frente da batalha

Um dos últimos feitos mais arrojados dos aviadores aliados foi o vôo que fez mr. Dancourt sobre Essen lançando bombas sobre a celebre fabrica de canhões Krupp na Alemanha e regressando ao acampamento sem ser atingido pelo fogo que fizeram contra ele. O efeito moral d'este «raid» sobre o territorio alemão não podia ser mais nocivo do que foi



O aviador Dancourt que bombardeou a fabrica Krupp em Essen



Os entre-atos da batalha:—A Manon no teatro da frente

(Cliché de L'Illustration).

A "Ilustração" na visita ás fabricas de guerra

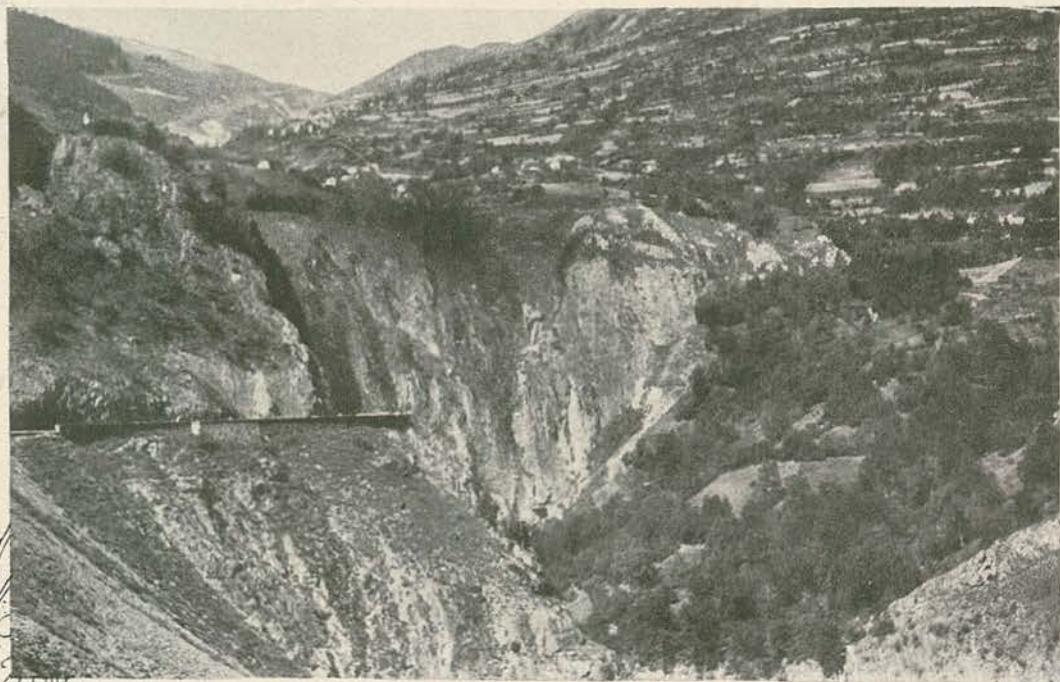


Os jornalistas francezes e os representantes de jornaes estrangeiros residentes em Paris foram convidados pelo governo francez a uma visita ás fabricas e estabelecimentos de guerra de Lyon, do Isere, da Saboia e da Alta-Saboia.

N'essa visita, de que atraz publicamos um artigo desenvolvido, foi a *Ilustração Portuguesa*, representada pelo seu distinto colaborador em Paris, sr. Paulo

Osorio, que teve ensejo de admirar uma das mais bellas regiões da França e ao mesmo tempo as manifestações admiraveis da tenacidade e da energia francezas nos esforços que impõe a luta atual.

Na capital do Rodano, como em Grenoble, em Chambéry, em Ancecy e em Chamonix, termo da sua excursão, os jornalistas dos paizes aliados tiveram o mais carinhoso acolhimento.



1. Grupo de jornalistas estrangeiros á entrada da fabrica de Ugines.—2. Uma passagem dos arredores de Grenoble.

(Clíchés P. Osorio).

PORTUGAL NA GUERRA

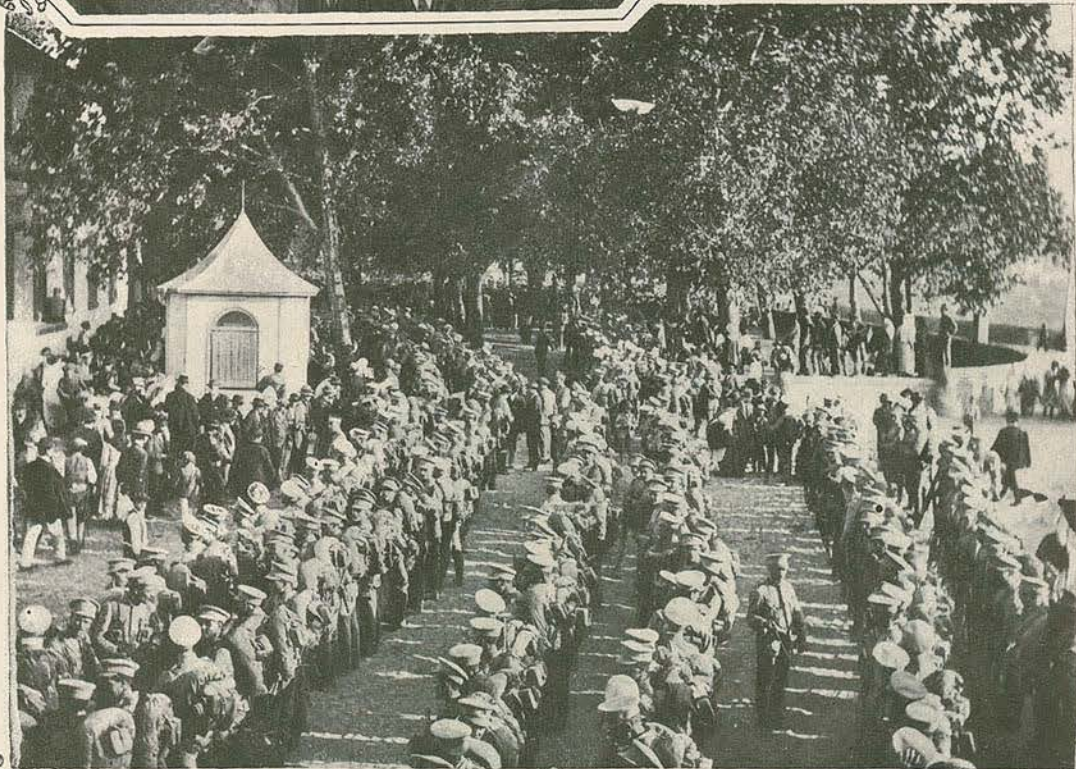


É O melhor desmentido aos que aventam pouco entusiasmo nos nossos soldados em irem combater pelos interesses mais vitais do paiz fóra do nosso territorio está na observação conscienciosa da maneira espontanea como eles se apresentam, da disciplina e garbo com que se movem de uns pontos para outros.

Após tão prolongado periodo de paz, em que nem um só minuto sequer se pensou na hypothese de uma guerra para cuidarmos a valer da nossa organização militar, é ainda para admirar que tanto se tenha feito em tão pouco tempo.

Depois, as difficilimas circumstancias, de ordem moral em que a guerra tem colocado todos os paizes e especialmente o nosso, ainda mais dignos de apreço tornam os esforços empregados pelo governo e pelos nossos comandos militares para que a mobilisação se faça sem atritos de maior e os contingentes, que tiverem de ir para França, se apresentem de forma a honrar-nos debaixo de todos os pontos de vista.

Todos timbram em que assim aconteça. Desde o mais modesto soldado ao mais graduado official, não ha nem um só que não ponha o seu brio e o valor do seu braço ao serviço da causa de que depende o futuro de Portugal.



1. e 2.—Novos aspetos da passagem de Infantaria 13 pela Regua

A festa da lavoura em Barcelos



Um aspecto da instalação dos srs. Moreira da Silva & Filhos, tendo ao centro os premios sobre uma meza.

Barcelos, a encantadora vila do Minho, enquadrada n'uma das belas paisagens do paiz, tambem teve este ano o seu certamen agricola, aparecendo n'ele tanto em frutos, cereaes e legumes, como em gados, de diferentes especies os mais formosos exemplares que bem provam a fertilidade do seu solo e trabalho inteligente e porfiado dos seus lavradores. Pelas fotografias que publicamos se póde avaliar o que seria o magnifico aspecto da exposiçào, tanto dos productos regionaes como de outros que foram do Porto, apresentados pelos grandes horticultores srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, talvez os maiores horticultores da peninsula e pela Companhia Horticola. Os srs. Moreira da Silva obtiveram o 1.º premio, diploma de honra e um objeto de arte pela quantidade e seleçào rigorosa das suas arvores para comercio. A esta decisào do juri juntou-se a opiniào geral dos visitantes que ficaram maravilhados perante a instalaçào dos grandes horticultores.



2. Exposiçào de vinhos e outros productos da quinta das Cruzes, do sr. Duarte de Menezes que teve o primeiro premio e da quinta de Ançoris do sr. dr. Guilherme da Costa e Sá e vinhos dos srs. Joaquim Moreira Pinto e Antonio Jorge de Sousa Veloso.—3. Exposiçào da Companhia Horticola do Porto, e varios productos da sr.ª D. Ana Guilomar e dos srs. Daniel Santos, Antonio Melo, José d'Almeida Vizeu, Mesquita Gusmão e Gomes da Costa.

O ALEMTEJO



Um desmantelado moinho á luz confusa de um poente.—(Cliché do sr. Antonio Chaveiro da Mata).

Estas interessantes fotografias, duas d'ellas devidas ao gentil oferecimento do distinto fotografo amador, sr. Antonio Chaveiro da Mata, do Vimieiro, e outra ao sr. Antonio Miguel Grillo, vieram acompanhadas de um artigo de impressões sobre o Alemtejo, assinado por C. M., artigo que o espaço não nos permite publicar na Integra, limitando nos, com pena, a dar os seguintes extractos:

E' sem duvida a provincia mais extensa do paiz e, que, a par das outras, oferece um contraste bem singular.

Quem, vindo do norte, traga a retina afeita aos estranhos accidentes do terreno e ao verde claro da paisagem, que lhe

impri-me uma nota ri-

dente e tipica, em qualquer sentido, verá o salto brusco que se opera: á viveza da arborisação minhota, com as suas graciosas vinhas trepando em caprichosos torcicolos, aos cimos alterosos dos robles centenarios e aos pinhaes lugubres das Beiras, que, em noites sem lua, açoiados pela brisa do nordes e, oltam gemidos de agonisante, succede-se a azinheira pardacenta e triste, envolvendo no manto de luto plainos imensisimos, além de limitados por pequ na elevação. Transposta esta novas planicies se desenrolam.

E os sobreiros, por vezes titânicos, despojados da cortica e vistos á noitinha, dão-nos a tetrica impressão de infelizes martirizados, com as carnes em sangue.

Porém, a monotonia da arborisação alemtejana é que brada aqui e ali pelo alourado dos trigaes ondulantes em maturação e nos quaes o sol candente de julho põe colorações de um belo fulvo d'ouro, contrastando com o verde refinado dos campos de milho, embandeirados, como n'uma apoteose á fecundidade da terra.

E' meio dia. Um sol canicular incide a prumo. O mercurio no termometro dilata-se assombrosamente e marca 50 graus. Nada o detem na louca subida! Os objetos, que se tocam, escaldam! E ha em redor um cheiro promunciadissimo a queimado, e ouve-se o crepitar continuo do restolho.

As superficies esbranquiçadas, feridas pelos raios solares, são dolorosas de suportar á vista. Acolá, um horizonte plumbeo circunda o em rme brazeiro, onde as pedras se calcinam, e ha chispas de lume na cõma dos montados.

Por toda a campina reina um silencio de morte, apenas alterado de quando em quando pelo canto dolente e ritmico das cigarras, disfarçadas nas arvores, convidando-nos ao doce repouso da sesta.



O prototipo do lavrador alemtejano no eterno revolvimento da terra.—(Cliché do sr. Antonio Miguel Grillo).



Enchendo o tanque e lavando roupa (Cliché do sr. Antonio Chaveiro da Mata)

FIGURAS E FACTOS



1. O sr. Justino Augusto Candido Gaspar, escrivão. — 2. O sr. Antonio Nunes de Carvalho, antigo secretario da administração do concelho de Arganil, onde faleceu — 3. O sr. Dionisio Alvares, distinto medico dos hospitaes, falecido em Lisboa — 4. O sr. João dos Reis Leitão, falecido em Idanha-a-Nova — 5. O sr. João Marinho Bastos, falecido no Porto e trasladado para Celorico de Basto

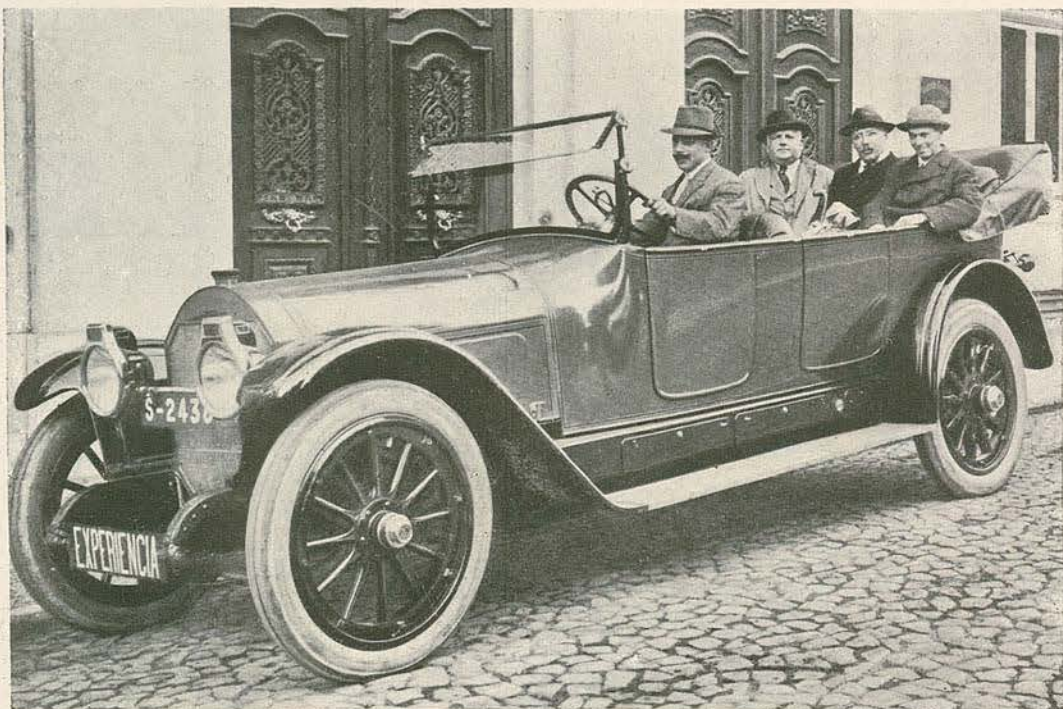


6. O sr. Tavares Proença Junior, falecido na Suissa. Foi o fundador do Museu de Castelo Branco, que depois ofereceu á camara municipal.

(Cliché tirado em 1900 pelo distinto fotografo amator sr. Antonio Abruñosa, colaborador da *Ilustração Portuguesa*)

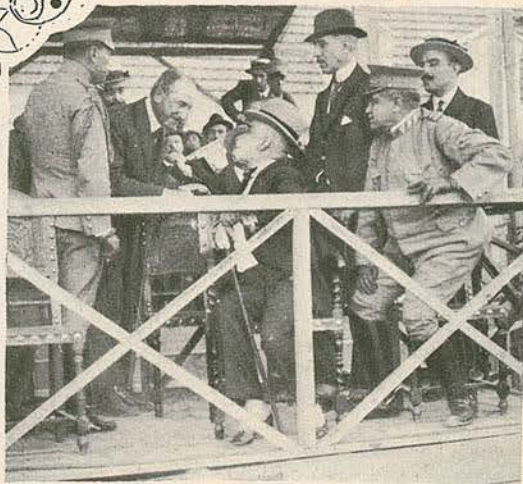


7. O professor e distinto escritor sr. José de Macedo, autor do interessante livro «O conflito internacionaal». — 8. O sr. Fran Pacheco, ilustre publicista, que escreveu um livro cheio de actualidade intitulado «Angola e os Alemães». — 9. O joven escritor brazileiro sr. Gustavo de Sousa Bandeira, autor do emocionante romance «A Fazenda da Saudade».



Os srs. ministros da America, da Russia e da Holanda n'um *Locomobile*, conduzido pelo sportsman sr. Belo de Almeida (Cliche Benollel).

CONCURSO HIPICO



O coronel Paris, chefe da missão militar franceza, cumprimentando o sr. presidente da Republica.



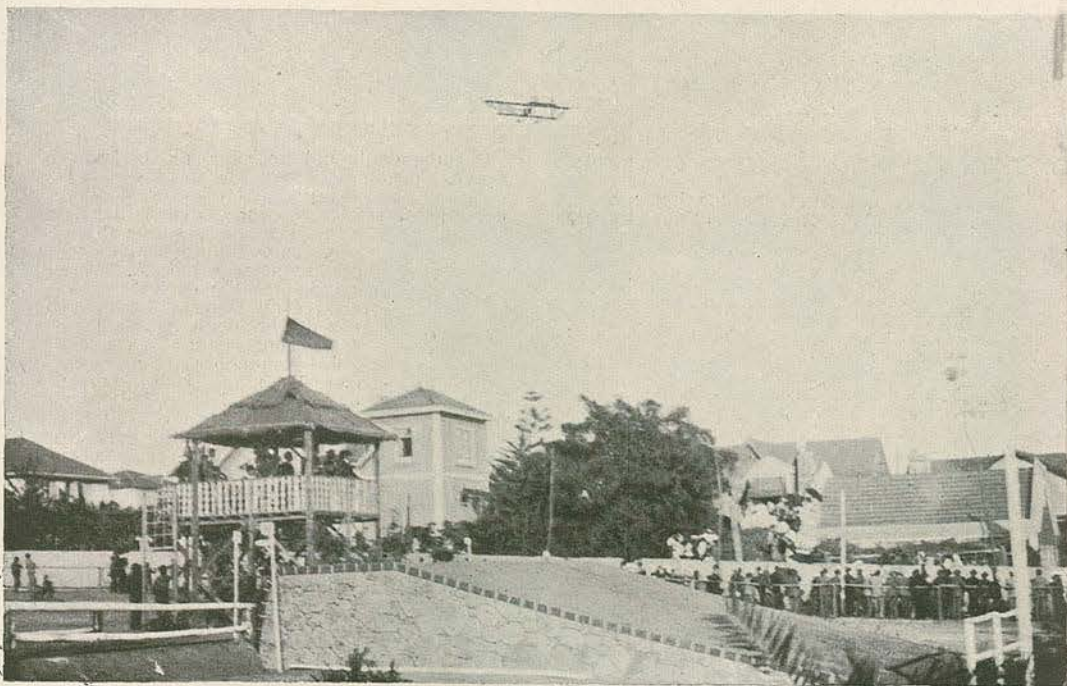
O major-general Barnadiston, chefe da missão militar ingleza, conversando com o chefe do Estado.

A' ultima prova do Concurso Hipico realizado no Estoril assistiu o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica. Era a mais importante, pois se disputava o «Grande Premio» tendo-se inscrito para ela 27 cavaleiros, alguns dos quaes realizaram verdadeiros prodigios no difficilimo percurso em que havia 19 obstaculos, sendo por isso muito aplaudidos.

Na ocasião em que se disputava esta prova passaram sobre o campo do Estoril dois dos aeroplanos do nosso exercito, um dos quaes baixou até

uma altura em que se distinguia o seu valente e arrojado tripulante que agitava um lenço a saudar a assistencia ao concurso, sendo imensamente ovacionado e cumprimentado por centenas de lenços que as senhoras faziam flutuar nervosamente.

O primeiro premio, 300 escudos, foi ganho pelo «Porthos», montado pelo sr. Jara de Carvalho, e o segundo, 200 escudos, pelo «Scott», montado pelo sr. Otavio Duarte. Houve mais quatro premios de 90, 50, 40 e 30 escudos.



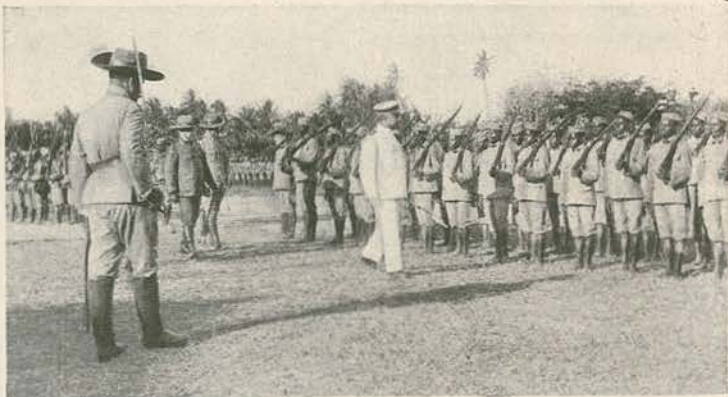
O aeroplano governado pelo tenente Mala voando sobre a pista onde se realisou o concurso hipico.

(Clichés Benolle).

Parada militar em Quelimane

Do artigo descritivo d'esta parada, realisada em 21 de agosto, enviado pelo sr. Saragga Leal, destacamos o seguinte:

A's 15 horas e 20 minutos o campo de manobras era inundado de admiradores, achando se ao centro, simetricamente disposta, a 21.ª companhia de infantaria indigena. Cinco minutos depois irrompia da rua 5 de Outubro a 23.ª companhia, marchando garbosamente, indo postar se á direita da 24.ª, enquanto que da rua Miguel Bombarda afluia a 3.ª companhia de Deposito que foi collocar-se á esquerda. A multidão regorgitava de enthusiasmo, malcontendo os assomos de alegria que lhe invadiam o coração perante o aprumo, a correção e a compostura de cerca de 1:000 portuguezes, equipados e prestes a partir para a nossa fronteira do norte. Lá ao fundo aparecem os srs. governador e comandante militar do distrito com os officiaes Silva



que o governador entrou na parada executa a «Portuguezia», que é ouvida com religiosa atenção.



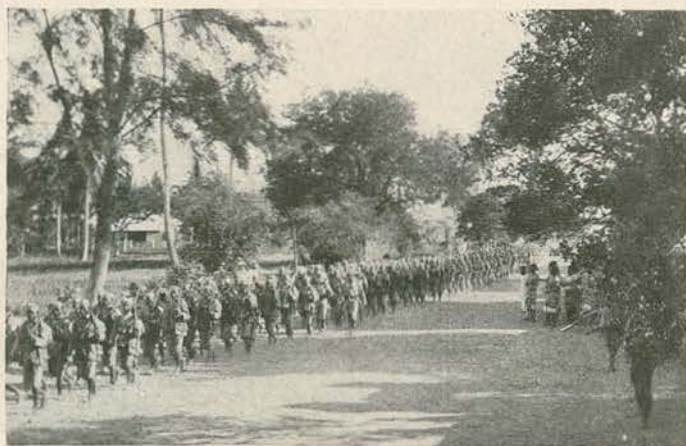
Leal e Faisca, servindo de ajudantes de campo. Ha um silencio mai contido.

A Banda Municipal, tendo tomado logar junto á bandeira nacional que flutuava sobranceira, logo



O comandante militar, com passo firme e grave, ladeado pelos seus ajudantes de campo, dirige-se á 23.ª companhia e com o respetivo comandante passa revista ás tropas. depois dirige-se á 24.ª e finalmente á 3.ª companhia de Deposito, ficando muito bem impressionado pela maneira como se apresentavam equipadas e dispostas. Em seguida o clarim resoou. O comandante da 23.ª dá a voz de sentido e manda fazer evoluções; depois opera á 24.ª, notando-se em todas as manobras irrepreensivel correção e disciplina. Eram 17 e meia. A bandeira nacional é apeada lentamente como que tateando as notas vibrantes dos clarins e da Banda Municipal, incutindo a todos um quê de arrebatador e simultaneamente empolgante que cativa, emociona, fraternisa e engrandece.

Caiu o crepusculo, e foi então que todos d'spersaram cheios de contentamento por se lhes ter deparado o ensejo de verem, posto que em simulacro, o que seja um combate, o quanto representa a defeza da nossa querida patria e o que de sensações imprime a bandeira portugueza tremulando, ovante, dominando um campo de batalha, falando a todos os seus filhos, reacendendo lhes o valor de seus antepassados.



1. O governador e comandante militar do distrito, acompanhado dos officiaes srs. Silva Leal e Faisca, passando revista ás tropas—2. Officiaes da 24.ª companhia de infantaria indigena: 1.º plano, da esquerda para a direita, tenente Eduardo Salter de Sousa (comandante), alferes José Augusto de Oliveira Dias, tenente Alberto Furtado Montanha; 2.º plano, alferes Antonio Rodrigues, tenente Romualdo Esteves Tavares e alferes Antonio Alexandre Dias dos Reis.—3. A chegada da 3.ª companhia de Deposito ao campo das operações—4. A 23.ª companhia indigena a caminho do campo de manobras

(Clichés do distinto amator fotografico sr. Manuel Saragga Leal).

**CIGARROS
DE ABYSSINIA**

EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

Muito efficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmodicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exito. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRE, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, 6
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

**REMINGTON
UMC**

**CARTUCHOS PARA
TODAS AS PISTOLAS
E REVOLVERES**

Uma estatística dos atiradores exímios de revolver e pistola, mostrará que a maioria usam cartuchos REMINGTON-UMC. Sua explosão rápida, regular e certa são demonstradas pelos records do mundo:—

- Campeonato Olympic, ganho por A. P. Lane, marca 499 x 600.
- Campeonato Olympic, com pistola de duello, ganho por A. P. Lane, marca 297 x 300.
- Campeonato de pistolas e revolvers em geral, ganho por A. P. Lane (Record do mundo) marca 1261 x 1400.
- Campeonato de revolver dos Estados Unidos, ganho por A. P. Lane, marca 467 x 500.
- Campeonato de pistola dos Estados Unidos, ganho pelo Dr. I. R. Calkins, marca 469 x 500.
- Campeonato por juntas de cinco atiradores, ganho pelo Springfield Revolver Association, record do mundo, marca 1154 x 1250.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic
Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y.,
E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil: LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus



AGENTE EM PORTUGAL: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão a venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo efeito.

Preço 400 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração d'O SEculo

RUA DO SEculo, 43
LISBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Companhia do PAPEL DO PRADO
Sociedade anonima de respons. limit.

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto.
Companhia Prado. Numero telefonico:
Lisboa, 605—Porto, 117.

**CHA
HORNIMAN
EM PACOTES
UM SEculo DE EXITO UNIVERSAL**

Vêr na quarta-feira proxima o

Suplemento de Modas & Bordados (do SEculo)

Preço: 2 centavos

TUBERCULOSE



cancro, anemia, flôres brancas, linfatismo, raquitismo, escrofulas, crescimento irregular, fastio, azia; magreza, palidez, debilidade, prostração fisica, fadiga cerebral, doenças mentaes, insonias, neurastenia, asma, bronquites cronicas, gripe, paludismo, diabetes, suores nocturnos, perdas seminaes, convalescença, escarros espessos, febres; falta de regularidade nas menstruações e em geral **todos os casos contra que se empregava até agora o Histogene**, as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente palida, kolas, glicerofosfatos, etc., e que são todos aqueles que tenham resultado de enfraquecimento, ou que possam enfraquecer.

CURAM-SE RAPIDAMENTE COM O

Histogenol NALINE

Com o selo
VITERI

[O antigo Histogene aperfeiçoado pelo dr. A. Monneyrat, da Academia de Paris]
[NO INTUITO DE ASSEGURAR EFEITOS MAIS RAPIDOS]

Em qualquer das suas formas — ELIXIR, GRANULADO, AMPOLAS E PASTILHAS. Salvo outra indicação medica, usar de preferencia o Elixir. PODE USAR-SE TANTO NO INVERNO COMO NO VERAO

«Quem tem de empregar **violento esforço**, em trabalhos fisicos ou mentaes, sports, marchas prolongadas, vigílias, estacionamento em locais insalubres ou em climas adversos, **deverá preparar o organismo com a força de resistencia que se adquire usando este prodigioso creador de sangue e de musculos**, **O MAIS NOTAVEL REVIGORADOR CONHECIDO**, o unico que foi objeto de cinco comunicações a institutos scientificos de França, e entre elas de duas teses em atos de formatura. Na impossibilidade de analisar todos os frascos de origem duvidosa, que tem aparecido á venda, **SO' CONSIDERO VERDADEIRO PARA A VENDA EM PORTUGAL E SUAS COLONIAS** o que tiver bem visivel sobre a caixa o selo com a palavra registada — VITERI — a vermelho sobre preto. Recusar todo o que não tiver essa garantia, e pedir dietamente ao deposito central, ou comprar em algum dos locais seguintes: — Farmacia Barreto, Loreto, 28; Pimentel & Quintans, R. da Prata, 194; Estacio, Rocio; Silva & Neves, Rua da Prata; Farmacia Peninsular, R. Augusta.

DEPOSITO CENTRAL:

VICENTE RIBEIRO & C.^A

Sucr. João Vicente Ribeiro Junior
RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º DIREITO
LISBOA — Telefone 2455

Frasco para 20 dias, 1\$75

Frasco para 8 dias, 1\$15

Para fóra de Lisboa, dentro da metropole, mais 20 centavos para porte e embalagem, até 5 frascos.

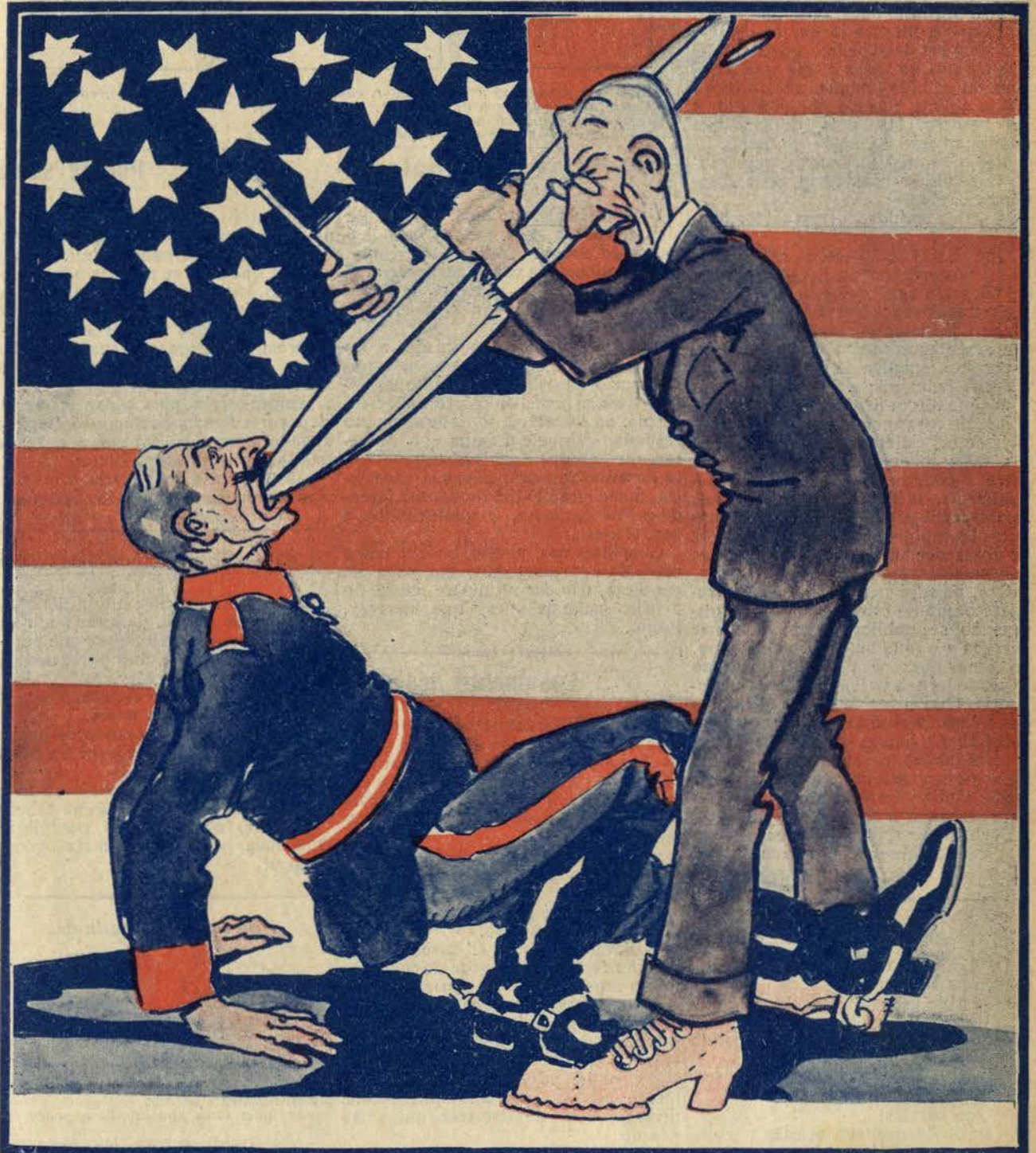
Fazem-se remessas contra reembolso



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

SUBMARINOS INDIGESTOS



WILSON: —Tens de os engulir, meu caro Guilherme!

PALESTRA AMENA

Boatos

Deixemos a guerra e a política por hoje, valeu? Se estão de acordo, como é de esperar, vamos ao assunto que serve de título a esta palestra e que de modo algum se relaciona com a guerra e a política, posto que o não pareça.

Não sabemos se já repararam que o ano correu muito mal para os toureiros hespanhoes; as colhidas foram numerosas nas praças do paiz visinho e, se não houve mortes, temos, contudo, a lamentar ferimentos de importancia. Assim, o simpatico Belmonte acha-se de cama e o seu estado é melindroso, porque ha dias foi colhido em Salamanca, segundo telegrama que lêmos no *Seculo* e n'outro jornal da manhã, por sinal em desacordo; ao passo que o telegrama do *Seculo* diz que o homem foi colhido por uma vaca, o outro diario noticia que ele foi colhido por um bezerro. Ha, pois, desharmonia quanto ao sexo e á idade do bicho.

Mas o tal diario diz mais: acrescenta, transmitida de Madrid, esta estupenda revelação:

"Sobre a colhida, correm varios boatos."

Que boatos serão esses, assim indicados misteriosamente? O laconismo do telegrafo sugere-nos as mais descontraidas reflexões, já ácerca do toureiro, já ácerca do bezerro ou da vaca, apresentando-se-nos as seguintes hipóteses: tentativa de suicidio da parte de Belmonte; vingança do bicho, porque o toureiro tivesse comido um bife de cornupeto que o animal houvesse em estimação, quiçá o pae ou a mãe; incompatibilidade de genios entre o colhido e o seu adversario—finalmente, idéas politicas contrarias, campo fertilissimo em conjecturas, mas que não exploraremos agora, em vista da nossa declaração no começo d'esta conversa.

Ora, pois, é necessario pôr de remissa o que do estrangeiro se telegrafia e não se publicar senão o que se percebe e o que tenha senso comum, ao menos para se poupar espaço no papel do jornal, precioso na atual emergencia. Olhem os senhores diretores das folhas periodicas, que estas, bem catadinhas e limpas de todas as excrescencias inuteis, deixavam muitas vezes logar para a publicação do que realmente podia interessar aos leitores, ou para satisfazer a censura, se ficasse em branco, o que sempre seria melhor do que aparecer preenchida com tolices.

JOSÉ NEUTRAL.

Mulher economica

D. Eufrasia entra em casa com um embrulho enorme.

O marido esbugalha os olhos e põe-se a tremer, prevendo asneira.

—Que compraste? pergunta, palido como um cadaver.

—Uma pechincha! Luvas a dois tostões o par!

—Que baratas!

—Pois! Aproveitei a ocasião e comprei cincoenta mil réis d'elas.

OS ELETRICOS EM ROMA

«Em Roma os carros electricos passaram a ser guiados por mulheres.»

(Das jornaes).



Julz.—Porque largou a ré o guiador, causando o descarrilamento do carro?

A condutora.—Gostava de ver v. ex.^a no meu logar.

Julz.—Então, que lhe aconteceu?

A condutora.—Estava com as dores do parto, sr. julz...

Fidalguia

Uma novidade. O atual governador civil de Lisboa, o sr. Fidalgo, não desmentindo o titulo, apesar dos tempos democraticos que vamos atravessando, foi pessoalmente ás redações de varios jornaes apresentar os seus cumprimentos.

Estamos tão pouco habituados a estes atos de boa educação que a estranheza não foi pequena. Quanto ao *Seculo Comico* lamentamos profundamente que, na ocasião, só estivessem no respetivo gabinete o Quim e o Manecas, que, ao que depois nos contaram, se fartaram de troçar com sua excellencia, amachucando-lhe o chapéu, fazendo-o cair de costas, escondendo-lhe a bengala, etc.

Consideramos, porém, a visita como recebida e prometemos, em paga da gentileza, não dar no illustre chefe do distrito senão as sovas que merecer. Ponto.

Casamento desigual

Noticia um jornal italiano que a princeza Maria Tereza de Roenhohe casou ha dias em Zurich com um farmaceutico, tendo começado o namoro n'um hospital onde o farmaceutico se encontrava doente e onde a princeza era enfermeira.

O facto causou-nos admiração, mas não pelo motivo que os senhores supõem.

—Pois não é por ser um casamento desigual? perguntarão.

—É, sim senhores. É desigual porque um farmaceutico gosa de condição muito superior á de uma princeza, que o é simplesmente porque assim nasceu, emquanto que o farmaceutico suou as estopinhas para obter a sua carta de curso.

Ele pode, nos boletins de recenseamento, escrever qual a sua profissão; a princeza terá de declarar que a não possui.

Hurrah pelas papas de linhaça!

Policia sábia

Em Parahyba, no Brazil, fundou-se uma escola para ministrar conhecimentos de medicina á policia d'ali. E' uma medida que bem se poderia adotar entre nós, pelo menos nas cidades do Porto e Lisboa, para não se dar o caso desagradavel dos nossos civicos não saberem a designação anatomica dos sitios do corpo onde apanham lambada.

Sempre seria uma consolação e faziam certa figura, contando á familia quando entrassem em casa a coxear e esta lhes perguntasse a causa:

—Não é coisa de cuidado. Um simples traumatismo na região coccigea...

Os tios economicos

O sobrinho procura o tio, que é um aventureiro de marca, para lhe pedir dinheiro. Tem a convicção de que perde o tempo e o feito, mas por descargo de consciencia vai tentar.

—Tio, preciso cem escudos.

—Vai bater a outra porta.

—Tio, é um compromisso de honra!

—Que tenho eu com isso? Eu não o vou roubar.

—Tio, se não me acode ver-me-ei forçado a meter duas balas na cabeça.

—Patife, até n'isso és perdulario! Duas balas, quando uma mata logo um homem!

Pão nosso de cada dia



Entre marrã e bacoro:

—O' mãe! estas sêmeas não se podem trazer!

—Não tenhas má boca; olha que é d'isso que se faz hoje em Lisboa o melhor pão.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

A porta

Vou falar-lhes um pouco de arquitetura, meninas e meninos, começando, como é natural, pelas portas, em vista da importancia que ellas tem nas casas, como hão de ter notado.

A sua utilidade prova-se immediatamente, imaginando uma casa sem portas. Por onde se havia de entrar? por onde se havia de sair? Provavelmente respondem que «pelas janelas», mas a essa esperteza respondo com esta objecção: e se o edificio tiver as janelas tão altas que se lhes não possa chegar facilmente?

Refiro-me, é claro, á porta da rua, desde já lhes digo que a não devem tratar como coisa de somenos: assim, não a devem fechar com força senão depois de haverem saído, para não ficarem entalados; se tiver campainha ou argola e ella estiver fechada quando queiram entrar em casa, não possuindo chave do trinco, deverão dar as campainhadas ou argoladas correspondentes ao andar que habitam, e mais uma, porque tem de contar com o rezão-chão, e não se esqueçam dos respectivos repeniques, se moram do lado esquerdo.

A porta pode revestir as formas architectonicas mais diversas, simples ou complexas; todos sabem que existe uma variedade enorme de portas, desde a meia-porta—a mais humilde, á Sublime Porta—a mais elevada. As portas grandes mudam de sexo e são denominadas portões, com os quaes, em geral, ha tanto cuidado, que costumam ser guardados, para o qual se criou a classe dos guarda-portões.

Incidentemente dir-lhes-hei que as portas são muito estupidas (estúpido como uma porta, diz-se) e que na balota quem as não salva, perde 25 por cento da parada que devia receber se a carta não viesse de porta.

Tenho dito por hoje.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

ENTRE MEDICOS



—Colega: decididamente, nas proximas eleições camarárias de Lisboa, voto na vereação actual.

—Poderá tambem eu, porque pode vir outra vereação que faça d'isto uma cidade hiênica!

EM FOCO



Ator Amarante

E' o Amarante um homem de talento. Conforme sabe e já lhe terão dito, Porém nunca d'um modo tão bonito. Como eu lhe digo em verso de espavento.

Não ha papel, sereno ou violento, (Violento não vi, mas acredito!) Que não faça perfeito, este maldito, Em que falhe ou descaia um só momento.

E sendo sempre assim, de verdes anos, Desde os seus tempos de instrução primaria Imaginem agora os lusitanos

O que viria a dar, que luminaria, Se ele tem sido aluno dos Caetanos E lá tem aprendido Indumentaria!

BELMIRO.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Isculpa de có agora te iscrever mas nan tanho tido tempo ninhun para iço, inmanjina que dènes que xiguel a Lisboa logo touda a jente me dixé que eu devia, pra cumesar na minha mição de iscriturar jente pró noço triatro—i ochalá que este ano eu ceja mais feliz có que paçou—ir ver u *Nouvo Mundo* ó Ede, que é aquele triato numa agua furtada, in que te falei i cuma peçoã pra çaber pur onde ade intrar i sair istá cempre á précura das mãozinhas da parede.

I vai eu açim a resulvi i meti logo impanhos para u Mota Pincudo, da vilheteira. A resposta deste foi que tinha a casa vendida pra curenta noites ceguidas i cunparessesse lá pró natal ce cria uma borla. Aranjei mais impanhos para le falar peçualmente in casa e ele ós pois, de me fazer isperar ceis oras n'uma çala touda oiuro e veludo, appareu-me e dice-me:

—Eu não falo a plintras.

—Eu cá çou o Jerolmo, dice eu.

—E eu, arresponde ele, çou cu-imprezario do Ede, onde vai uma pesa que até hoje rindeu cessenta contos de réis.

—Cessenta? có?

—Có as copelas para os otores tem riu iço pra riba de ceis contos.

—E in a seiteza?

—U fado du çanga pra cima de um conto.

E prantouce a falar in mais contos prá qui i prá culá de modos que nan me deichou falar. Na prumeira averta, larguei-le esta:

—Pois eu cria uma jeral mas pagando u que foce.

—U que foce? vuncê tem lá dinheiro para uma coisa de eças!

—Dou dois mel réis!

—Nem dez, nem sem, nem nada. Olhe: u Munteiro Milhões, caté faz dinheiro cem ce cintir, ce quiz uma dubradissa onte teve de impinhar u palassio do largo do Quintela!

—Intão poço desistir?

—Olhe ceu Jerolmo: vá para a bixa i espere a vez, que lá le xigará.

A cim fiz, Zefinha d'um anjo. A bixa para a bilheteira xega á istrada de Sacavem. Tumei vez, mas nan poço arredar pé de noite nem de dia, cenão percuã. Iscrevete esta a lapes i mandua deitar pur um mosso no curreio, para nan istares em cuidado cun o tême que ce açina cum touda a ameziçidade

Jerolmo

Emprezario do Paultteamã de Peras Rulvas

PROFESSORES VIAJANTES

Ha dias uma numerosa comissão de professores primarios chegou ao portão da presidencia do ministerio, limpou-se da poeira, subiu a escada, entrou pelo salão e perguntou pelo sr. Antonio José de Almeida.

—Eu sou, lhe disse o joven, que parece um ancião, porque ellas não matam mas moem.

Perguntados os comissionados sobre o que ali os levava, responderam que iam pedir a interferencia do illustre presidente do conselho para obterem *bonus* nos caminhos de ferro, prometendo sua excellencia que se empenharia pela pretenção.

Efetivamente do que mais necessitam os professores primarios é diminuição no preço dos bilhetes dos comboios, tão habituados estão a viagens recreativas.

Consta, á ultima hora, que as direcções respetivas estão dispostas a aceder, obrigando os professores a pagar como mercadorias, a peso. D'esse modo podem ser transportados por aqueia tarifa baratinha, que marca dois tostões, se não estamos em erro, até dez quilos.

A mulher d'ele...

N'um baile dado recentemente, a mulher do Marques sentiu que alguém lhe tomava um braço, apertando-o mais do que as conveniências permittem. Indignada, exclamou:

—Imbecil! Estúpido!

O autor da imprudencia respondeu:

—Desculpa, minha senhora!

Voltando se, a esposa do Marques disse, confusa:

—O senhor é que me ha de desculpar. Julguei que fosse meu marido...



Manecas negociante de quadros



1.—O Manecas comprou ao Carvalhaes,
Que é um pintor dos mais originaes,
Um quadro futurista, belo e raro,
Por sessenta centavos—e foi caro.



2.—Para meter um susto ao mano Quím
Quer pendura-lo no tabique, e assim
Põe-se prega que prega, mas o bico
Não entra nem a pau, o mafarrico!



3.—E' por ser o martelo tão *manetro*,
Diz ele; e vae pedr ao tanoeiro
Seu vistinho, o martelo que servia
Para os arcos bater á cascaria.



4.—Agora, sim! O caso é levantar
Tão grande peso! E espreme-se, a suar,
Fazendo tanto esforço que por traz
Sente-se já um certo cheiro a gaz...



5.—Até que n'um impulso violento
Consegue pôr o maço em movimento,
E ele aí vae, com força aproximada
De quatrocentos burros, menos nada!



6.—Prego, tabique, o rapazeiro, o maço
Marcha tudo aos pinotes pelo espaço
De modo que o Manecas nunca mais
Os mamarrachos compra ao Carvalhaes!